



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

# CONVERSAS SOBRE EDUCAÇÃO

Entrevista | Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margarida Louro Felgueiras<sup>1</sup>

Entrevistadores: Cristiano de Jesus Ferronato<sup>1</sup>, Anderson Santos<sup>2</sup>

Estamos dando início nesta edição da Revista Interfaces: Educação, a uma seção que denominamos de CONVERSAS SOBRE EDUCAÇÃO. Nossa intenção ao criar este espaço foi conversar com pesquisadores nacionais e internacionais sobre questões relativas à educação e seus vários temas, visto que esta é além do escopo principal da Revista um tema tão importante para a sociedade contemporânea. Nesta primeira conversa convidamos a Doutora Margarida Louro Felgueiras, que é Professora Associada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto. A professora visitou a Universidade Tiradentes - Unit no mês de março de 2014, para proferir a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Naquele momento a Professora apresentou uma aula onde discutiu a questão da formação de professores em Portugal e no Brasil.

No que se refere à sua produção a Professora Doutora Margarida Louro Felgueiras – é licenciada em História pela Universidade do Porto – Portugal, iniciou sua carreira acadêmica em 1984 na Universidade do Minho, atualmente é Professora Associada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto e Membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativas – CIIE. A Prof<sup>a</sup>

Dr<sup>a</sup> Margarida Felgueiras é autora de pesquisas que abordam temáticas ligadas a História da Educação e formação do professorado. Também investiga a história social da educação e a cultura material escolar. Concentra seus interesses de pesquisa na filantropia da educação, principalmente nas escolas doadas ao Estado, nas instituições educativas em regime de internato, no ensino agrícola e na museologia escolar. Dentre suas obras publicadas destacam-se, Cultura escolar, migrações e cidadania (2010), Para uma história social do professorado primário em Portugal no século XX (2008), A História da Educação em Portugal: balanço e perspectiva (2001) e Pensar a História, repensar a educação: a disciplina de História (1994). Margarida Felgueiras já foi professora visitante na Universidade de São Paulo (USP) e tem realizado muitas conferências e seminários em universidades brasileiras, sendo um nome destacado nas pesquisas sobre o campo da História da Educação. Na entrevista além de nos apresentar seu caminho enquanto pesquisadora, destacando os intelectuais que a inspiraram em seu caminho a Doutora Margarida Felgueiras nos oferece um panorama das pesquisas em História da Educação em Portugal e discute sobre a formação de professores naquele país, relatando como a atual crise tem afetado a educação portuguesa.

► **Revista Interfaces Educação- A Senhora é autora de vários trabalhos sobre escolarização em suas mais diversas vertentes, a maioria inclusive, são muito conhecidos no Brasil pelos pesquisadores da História da Educação. Conte-nos um pouco sobre a sua formação acadêmica.**

Margarida Louro Felgueiras: Frequentei sempre a escola pública. Sou licenciada em História pela Universidade do Porto. A minha paixão era a Arqueologia, mas o meu destino era o ensino, pois naquela época a Arqueologia como profissão era uma miragem, em Portugal. Fui professora de História no ensino secundário público durante 12 anos e apaixonei-me pelo ensino. Iniciei a minha carreira académica na Universidade do Minho, Braga, em 1984, como assistente estagiária na Unidade de Educação na área das Metodologias de Ensino/Didáticas. A minha área era a metodologia do ensino da História e acreditava poder influenciar a formação dos futuros professores de História. Por razões familiares, tinha três filhos muito pequenos, concorri para a Faculdade de Letras do Porto, quando nesta se iniciou o “Ramo Educacional”, para a formação de professores. Pensava que continuaria na área das Metodologias de Ensino, mas tal não aconteceu, porque havia uma divisão muito clara por departamentos e as Metodologias ficaram adstritas aos respectivos departamentos e não no Ramo Educacional. Não sei se me faço entender? Havia diversos departamentos: História, Geografia, Línguas e Literaturas modernas, Filosofia, etc. A Universidade não aceitava o modelo integrado de formação de professores, pois isso reduzia o número de horas das áreas específicas. No entender da Faculdade isso prejudicava o aprofundamento das matérias, a especialização. Logo, reservaram as metodologias nos seus departamentos para as subordinarem ao aprofundamento dos conteúdos. Ao mesmo tempo absorvia docentes dos departamentos que tinham visto as suas horas reduzidas. Um processo complexo em que se procurava manter o poder de certas áreas

sobre outras, mais recentes, que compunham as Ciências da Educação. Foi um debate muito intenso em várias universidades europeias e não há um modelo único. O Ramo Educacional foi mal recebido e mais tarde foi desintegrado e os docentes distribuídos por diferentes departamentos. O que vingou foi uma solução bi-etápica, hoje bem adaptada ao modelo de Bolonha – licenciaturas de três anos (no domínio específico) e mestrado de dois anos (em Educação).

Bom, eu apercebi-me que o clima não era favorável à Educação e que eu não iria trabalhar na Metodologia de Ensino da História, razão que me levava ao ensino Superior. Então concorri para a recém-constituída Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, para a qual, aliás, tinha sido convidada pelo Professor Steve Stoer, dois anos antes. Na altura decidira pela Metodologia de Ensino da História. Mas, quando me apercebi que isso não iria acontecer, concorri para as Ciências da Educação e em Janeiro de 1990 iniciei aí a docência em História da Educação. Aquilo que no passado era um hobby passou a ser o meu foco prioritário, pois a minha Faculdade não forma para o ensino de Pedagogia. Mesmo assim, defendi provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, de que resultou a publicação do livro *Pensar a História*, repensar o seu ensino, Porto: Porto Editora, 1994, que teve sucesso e foi também vendido no Brasil. Transcorridos estes anos todos, há uma parte dele que mantém atualidade. Ainda não foi substituído. Digamos que é na Universidade do Minho, com a minha colega Isabel Barca, que se faz a investigação mais consequente no âmbito do Ensino da História. É a minha opinião, claro, pelo que vou acompanhar a distância. Merecia ser analisado. Pode ser que venha a ser um tema para um trabalho em História da Educação.

Só estou a tentar explicar como cheguei à História da Educação. De 1990 em diante dediquei-me à História da Educação e elegi como abordagens

a história social, a cultura material escolar e o quotidiano, na continuidade do que tinha sido a parte mais importante da minha formação. Autores como Michel Certeau, Carlo Ginzburg, Michel Maffesoli, Éclea Bosi, por diferentes motivos e em diferentes momentos, exerceram em mim grande influência, para além de Braudel e Duby, na minha juventude, entre vários outros.

► **Revista Interfaces Educação – Quais os pensadores, intelectuais ou historiadores que mais a influenciaram em sua formação?**

Margarida Louro Felgueiras: Bom, já comecei a responder. Mas há outros autores bem anteriores. Braudel foi talvez o mais importante, que conheci por meio de um professor espantoso que tive quando aluna da Faculdade de Letras do Porto – o Professor Vieira de Almeida – e George Duby mais tarde. E Leroi-Gourhan, Gordon Childe, Theillard de Chardin – também por intermédio de um outro Professor, Carlos Almeida. Isto da era da paixão pela arqueologia e também Herbert Read, na arte. Dos portugueses António Sérgio, Jaime Cortesão, mais fruto da minha pesquisa e Orlando Ribeiro, este da Geografia. António Sérgio tinha as obras censuradas. Jaime Cortesão viveu exilado no Brasil e escreveu muito sobre os bandeirantes. Uma das obras foi sobre Pedro Teixeira, que fundou a cidade de Belém do Pará. Era da minha terra. Mais tarde, Rogério Fernandes, Amado Mendes, Luís Reis Torgal, e George Steiner, Marc Augé, Guy Debord. É difícil fazer este exercício. Fica sempre muita coisa injustamente esquecida. Mas estes autores foram os meus melhores mestres. Tive professores que me marcaram, como o Professor Vitor Sá, na fase final do curso e outros mais jovens, com quem aprendi os primeiros passos na investigação. Todavia, vamos sempre lendo, descobrindo, aprendendo. Quer a história quer o fazer histórico são processos contínuos. Acho que o que cito é uma pequenina parte do que devo a tantos outros com quem dialogo, entre os quais vários colegas brasileiros.

► **Revista Interfaces Educação – A Senhora visualiza mudanças nas perspectivas que a incentivaram a escrever a obra, Para uma História Social do Professorado Primário em Portugal no Século XX – Uma Nova Família: O Instituto do Professorado Primário Oficial Português e as suas pesquisas atuais?**

Margarida Louro Felgueiras: Essa é uma obra de que me orgulho, pois parte de uma base documental longa e do ponto de vista teórico e da sua apresentação é complexa. Tem uma abordagem da história social, do quotidiano e não tive receio de enveredar por uma abordagem mais serial, de raiz económica, para chegar ao social e ao cultural, integrando a cultura material. Há quem a compare aos trabalhos de um autor, que já citei e que é muito importante para mim – Carlo Ginzburg. Considero que há certa bondade de apreciação, mas sinto-me bem com o que fiz.

Claro que hoje há alterações, começa haver mais atenção à cultura material, para o que tenho dado um contributo pioneiro na história da Educação em Portugal. Fala-se muito da história cultural, mas pratica-se pouco, porque é difícil e não se compadece com trabalhos de curto prazo, a que estamos a ficar todos submetidos! Há uma maior presença do diálogo com a antropologia, mais cuidado no uso da teoria, preocupação com novos temas. Isso é enriquecedor. Contudo, penso que os maiores desafios no futuro têm mais a ver com a conservação das fontes e a quase impossibilidade de averiguar os factos. Esse será, possivelmente, o debate da próxima década. A informatização das nossas vidas vai trazer novos problemas ao fazer histórico, que será necessário refletir. Poder-se-á falar de “memória roubada”?

► **Revista Interfaces Educação – Comente em linhas gerais acerca do quadro atual das pesquisas sobre a História da Educação em Portugal.**

Margarida Louro Felgueiras: Um balanço foi feito em 2009, resultou na organização de um encontro no Porto e uma publicação coletiva, A história da Educa-

ção em Portugal. Balanço e perspectivas. Porto: Asa, 2007. Aí se assinalam tendências e limitações. A principal limitação é um certo “arrefecimento” do campo, com menos presença nos currícula universitários e menos cultores. Alguma fragilidade teórica e empírica, circunscrita a alguns temas e que dificilmente ultrapassam o século XIX ou os anos 70 do século XX.

► **Revista Interfaces Educação – Como é a formação do professor em Portugal e como a crise atual tem influenciado na formação dos docentes nas universidades portuguesas?**

Margarida Louro Felgueiras: A formação de professores em Portugal é toda de nível superior, com o grau de mestrado. É feita nas universidades, nas faculdades de Letras ou de Ciências, para terceiro Ciclo do Ensino Básico e Secundário. Existe igualmente nas Escolas Superiores de Educação, para o primeiro e segundo Ciclo do Ensino Básico e para o pré-escolar. Ambas as modalidades preveem estágio

em escola com lecionação de uma turma e acompanhamento do projeto de escola. A crise atual apanhou-nos nas adaptações ao processo de Bolonha. A palavra de ordem foi e continua a ser cortar. Dezenas de milhares de professores foram despedidos ou não chegam a ter trabalho. A população escolar tem diminuído em todos os níveis de ensino e isso tem sido a justificação dos cortes, para a opinião pública. Mas na realidade aumentaram o número de alunos por turma, os horários dos professores. Há escolas equipadas com salas de computadores, quadros interativos e não têm professores para dar apoio, em risco de ficarem fechadas. O mesmo se passa com as bibliotecas escolares ou laboratórios. É moroso descrever a crise em todas as suas vertentes. Poderíamos sintetizar dizendo que as políticas atuais estão a colocar em risco os esforços dos últimos anos, quer na formação de professores quer no acompanhamento dos alunos.

Aracaju, 10 de março de 2014

1. Professora Associada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto. Membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativas – CIIE

2. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2012), com estágio doutoral na Universidade de Lisboa. Mestre em Educação também pela Universidade Federal da Paraíba-PB (2006) e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Maringá-PR (2003). Professor PPG I da Universidade Tiradentes/UNIT, no Programa de Pós-graduação em Educação e no Curso de licenciatura em História. Pesquisador CNPq, associado aos grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO), HISTEDBR (GT-PB) e líder do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista GT-SE (GHENO-SE).

3. Mestrando em Educação pela Universidade Tiradentes.